

EFEITOS DE SENTIDO DO OBJETO DE DISCURSO INTEGRAÇÃO IBERO-AMERICANA: SENTIDO E REFERÊNCIA

Camila da Silva Lucena¹

Resumo: Em 2016, completaram-se 10 anos da aprovação da Carta Cultural Ibero-Americana. Este documento foi criado para consolidar os princípios e objetivos da proposta de integração ibero-americana, que tem a cultura como elemento unificador entre a América Latina e a Península Ibérica. Nesse sentido, chamou nossa atenção o modo como é referida discursivamente essa integração a partir dos termos *integración*, *intercambio* e *cooperación*. Sendo assim, temos como objetivo analisar os sentidos possíveis do objeto de discurso integração ibero-americana, uma vez que percebemos que essa expressão é retomada várias vezes com expressões referenciais distintas, como também é aproximada com outros nomes, como *cooperación* e *intercambio*, sugerindo uma vinculação direta e significados semelhantes. Desse modo, analisamos como se dá a progressão referencial do objeto de discurso integração ibero-americana a partir dos efeitos de sentidos desses termos, considerando-os como expressões referenciais, tal como define Koch (2005, [2004] 2017), Marcuschi (2012) e Koch e Marcuschi (1998). Segundo critérios metodológicos, inicialmente apresentamos uma discussão pensando como a palavra era mobilizada para representar uma referência no mundo com Frege (1892) para, então, apresentar a perspectiva da Linguística Textual com Mondada e Dubois ([1995] 2003) e Marcuschi (2004). A partir daí, recuperamos a noção de referenciação e rastreamos as principais estratégias de progressão referencial (KOCH, 2005) que constroem os sentidos para a integração ibero-americana. Por fim, compreendemos que através da referenciação, que atua com estratégias de construção e de reconstrução por meio dos termos *cooperación* e *intercambio*, o objeto de discurso integração-ibero-americana tem seu sentido complementado, sendo necessário esses movimentos com as expressões referenciais para compreendê-lo.

Palavras-chave: Integração ibero-americana; Carta Cultural Ibero-americana; Objeto de discurso; Referenciação.

¹ Doutora em Letras pela UFPE. Área de atuação: Análise do Discurso. E-mail: camila.lucena@live.com.

EFFECTS OF MEANING OF THE OBJECT OF DISCOURSE IBERO-AMERICAN INTEGRATION: MEANING AND REFERENCE

Abstract: In 2016, 10 years passed since the approval of the Ibero-American Cultural Charter. This document was created to consolidate the principles and objectives of the Ibero-American integration proposal, which has culture as a unifying element between Latin America and the Iberian Peninsula. In this sense, our attention was drawn to the way in which this integration is discursively referred to using the terms integration, exchange and cooperation. Therefore, we aim to analyze the possible meanings of the object of discourse Ibero-American integration, since we realize that this expression is repeated several times with different referential expressions, as well as being approached with other names, such as cooperation and exchange, suggesting a direct binding and similar meanings. In this way, we analyze how the referential progression of the Ibero-American integration discourse object occurs based on the effects of meanings of these terms, considering them as reference expressions, as defined by Koch (2005, [2004] 2017), Marcuschi (2012) and Koch and Marcuschi (1998). According to methodological criteria, we initially present a discussion thinking about how the word was mobilized to represent a reference in the world with Frege (1892) and then present the perspective of Textual Linguistics with Mondada and Dubois ([1995] 2003) and Marcuschi (2004). From there, we recover the notion of referencing and trace the main referential progression strategies (KOCH, 2005) that construct the meanings for Ibero-American integration. Finally, we understand that through referencing, which works with construction and reconstruction strategies through the terms cooperación and intercambio, the object of discourse integration-Ibero-American has its meaning complemented, making these movements necessary with referential expressions to understand it.

Keywords: Ibero-American integration; Ibero-American Cultural Charter; Object of speech; Referencing.

1. Considerações iniciais

Considerando os distintos movimentos de integração que envolvem América Latina, este trabalho tem como objetivo analisar como é construída discursivamente o conceito de integração ibero-americana. Este projeto de integração se caracteriza por colocar a cultura e a história da Ibéria e da América latina, como um elemento que legitima e facilita essa união de países que têm um vínculo histórico e linguístico.

Nas últimas duas décadas, essa região

tem despertado grande interesse político e econômico, fazendo surgir várias propostas de integração (CHACON, 2005). Embora a ideia de uma integração ibero-americana não seja algo recente, entendemos que ela tem sofrido uma (re)definição desde 1985, quando foi fundada oficialmente a OEI (Organização dos Estados Ibero-Americanos). Desde esta época, a OEI vem propondo meios efetivos de integrar a Ibéria e a América Latina, sendo um deles, a Carta Cultural Ibero-americana, documento de caráter institucional dessa organização. Anos mais tarde, em 2012, foi publicado outro documento chamado “Avanzar en la construcción de un Espacio Cultural compartido. Desarrollo

de la Carta Cultural Iberoamericana” (doravante Documento de desenvolvimento da carta), cujo objetivo também era o de chamar mais atenção para a importância de que para uma real integração entre esses países seria necessário, primeiramente, uma integração cultural.

Tomando esses documentos como objetos de estudo, em trabalho anterior² analisamos a relação do termo espaço cultural ibero-americano com outras duas noções, como a de integração e a de cultura ibero-americana, três conceitos basilares presentes nos documentos. No entanto, para este trabalho temos como foco o objeto de discurso integração ibero-americana e sua vinculação com outros dois referentes: intercâmbio e cooperação, que aparecem ora complementando o sentido de integração, ora como sinônimos.

Para tanto, antes de nos debruçarmos sobre esses termos especificamente, apresentamos uma breve exposição sobre a referência e o sentido, para retomar uma das principais questões para quem estuda a linguagem, que é pensar na relação entre a palavra e o objeto no mundo, ou melhor, o mundo e sua representação linguística. Assim, partimos de Frege (1982), que traz uma importante contribuição da lógica que, é retomada como ponto de partida para as distintas áreas das ciências humanas e da linguagem. Em seguida, introduzimos a linguística textual a partir de Mondada e Dubois ([1995] 2003) com o trabalho das autoras sobre a construção dos objetos de discurso e os processos de referência, como também com Marcuschi (2004) e sua contribuição ao pensar o papel do léxico no discurso.

2 Este trabalho trata-se da dissertação “ESPAÇO, A CULTURA E A INTEGRAÇÃO IBERO-AMERICANA: uma análise discursiva da construção de um espaço cultural compartilhado”, defendida em 2017, nesta universidade.

Logo, apresentamos o processo de referência e suas estratégias com Koch (2005, [2004] 2017), Marcuschi (2012) e Koch e Marcuschi (1998), para analisar como se dá o uso dos três objetos de discurso presentes nos documentos. Por fim, entendemos que os projetos políticos não se fazem apenas com acordos, mas, principalmente, através de discursos que preparam e legitimam o caminho para a efetivação dos projetos.

2. Sobre a palavra, a referência e o sentido

Para entender como trabalhamos com os objetos de discurso a partir da perspectiva textual discursiva, é necessário voltarmos nosso olhar para filosofia da linguagem com Frege (1982), a fim de compreendermos como o sentido é pensado a partir da materialidade linguística, até chegarmos ao que nos interessa, que é o discurso.

Em seu texto de 1892, “sobre o sentido e a referência”, Frege nos apresenta a sua teoria do significado de uma palavra, relacionando o sentido que ela produz e o referente que indica no mundo. Desse modo, partindo da lógica, defende que, para construir o significado de uma palavra, é necessário remetê-la ao mundo para buscar o seu valor de verdade, isto é, tentar encontrar um objeto real no mundo a partir do qual poderá se afirmar ou negar a existência de sua referência. Daí Frege entende que palavras diferentes podiam ter uma relação de igualdade, de modo que se interessa em entender como nomes morfológica e semanticamente distintos poderiam designar o mesmo referente no mundo.

Ao ler as primeiras linhas desse texto de Frege (1982), poderíamos pensar em vários questionamentos e suposições do que iríamos encontrar. Como por exemplo, de início, ao falar de igualdade³ e do modo de

3 Frege (1982) entende igualdade com o sentido de identidade.

designar um referente no mundo, poderíamos supor que o autor iria tratar a língua a partir de uma perspectiva extralinguística. Porém, Frege (1982) parece se afastar desse fato e termina direcionando sua teoria para dentro de horizontes formalistas. Ao falar do “valor de verdade da palavra no mundo”, poderíamos entender que Frege iria enveredar por caminhos até então não explorados pela ciência da linguagem. Mas não e, apesar disso, defendemos que isso não diminui a importância de seu olhar teórico uma vez que deixa brechas para desenvolvimentos futuros, como os que os faremos aqui.

Neste sentido, defende que palavras com sentidos diferentes podem ter o mesmo referente no mundo. É o que explicaria ser $a=a$ e $a=b$ indicarem o mesmo referente no mundo, apesar de cognitivamente serem sinais diferentes, isto é, terem sentidos diferentes. Assim, para Frege (1892, p. 131) “a referência de ‘estrela da tarde’ e ‘estrela da manhã’ é a mesma, mas não o sentido”. Então, o autor vai entender que, para toda palavra, há um sentido e uma referência. Por representar um objeto no mundo, o conceito de referência torna-se mais complexo e até um pouco contraditório, já que uma referência pode ser designada a partir de vários nomes, como também podemos encontrar nomes sem uma referência concreta no mundo. Segundo o autor:

A conexão regular entre um sinal, seu sentido e sua referência é de tal modo que ao sinal corresponde um sentido determinado e ao sentido, por sua vez, corresponde uma referência determinada, enquanto que uma referência (um objeto) pode receber mais de um sinal. E ainda, um mesmo sentido tem em diferentes linguagens, ou até na mesma linguagem, diferentes expressões. [...] Portanto, apreender um sentido nunca assegura a existência de sua referência (FREGE, 1982, p. 132-133)

E o porquê de nunca assegurar? Primeiro, porque é necessário compartilhar, ainda que relativamente, da linguagem de uma comunidade específica, pois, como dissemos acima, pode existir mais de uma referência para um nome. Por exemplo, o modo como uma referência é designada de formas distintas em diferentes línguas. Nesse caso, seria difícil estabelecer uma relação entre sentido e referência, já que o sentido de um nome próprio é apreendido por todos que estejam suficientemente familiarizados com a linguagem. Isto, porém, não aconteceria, já que supostamente não daríamos conta de apreender as diferentes designações de um objeto no mundo em diferentes comunidades.

Ao começar a considerar os sujeitos nesse processo, Frege (1982) observa o quão complexo seria levar em conta a particularização que cada um faz para apreender ou construir um sentido. Considerando esse papel do sujeito, o autor o usa para falar de outro conceito, o da ideia ou da representação, o que poderia surgir quando levamos em conta um sujeito particular e seu modo de estabelecer uma referência de um objeto real no mundo.

Porém, o autor coloca essa noção em pauta para, na verdade, a excluir e dizer que o único objetivo de mencioná-la foi o de evitar que se confunda com o conceito de sentido e referência (1982, p.136). Pois, a representação seria da ordem do subjetivo. O olhar individual de uma pessoa diante de um objeto. É uma imagem interna que “está frequentemente impregnada de emoções, os matizes de suas diversas partes variam e oscilam” (FREGE, 1982, p. 134), além do que “a ideia de um homem não é a mesma de outro” (idem). Dessa forma, esta seria uma discussão que levaria Frege para longe dos limites da lógica da linguagem, o que não lhe interessava, já que buscava a racionalização dos estudos da linguagem. Mais uma

vez, aqui, gostaríamos de destacar o olhar teórico de Frege quando convoca a noção de representação, mesmo que para negar sua pertinência nesse momento de seus estudos.

Ainda considerando as exclusões de Frege (1982), encontramos mais uma que, para o autor, também pertenceria ao nível da subjetividade. Quando aborda a questão do valor de verdade, o autor nega esse valor para aquelas construções nas quais não podemos recuperar o objeto no mundo, porque são seres irrealis ou imaginados. Trata-se, segundo palavras do autor, de uma “pressuposição”, que teria o mesmo caráter subjetivo da representação e, dessa forma, é desconsiderada pelo autor, já que o seu valor de verdade recebe um caráter negativo por possuir um sentido falso, subjetivo ou irreal.

Levando em conta essas duas noções e reafirmando nossa posição de assumir como relevante as exclusões de Frege (1982), ainda que ele tenha optado por não trabalhar com esses conceitos, entendemos com Guimarães (1995) que Frege, ao lidar com a representação e a pressuposição,

[...] trouxe para os estudos da significação a questão da exterioridade no sentido, não para incluí-la, mas para excluí-la de modo direto na sua formulação. Note-se que o único exterior a ser considerado para Frege é o dos objetos e o dos valores de verdade. A exclusão de Frege é interessante porque o que ele exclui é a relação de sentido entre a sentença e um já-dito fora da sentença, o que ele exclui é a linguagem. É a exterioridade enquanto linguagem (GUIMARÃES, 1995, p.86).

É essa exterioridade, ou melhor, essa referência que às vezes não conseguimos recuperar um valor de verdade que vai despertar o interesse de outros estudiosos pelo o extralinguístico. De modo distinto, propriamente dentro da Linguística Textual, Mondada e Dubois ([1995] 2003) também problematizaram a relação entre a palavra e o objeto no mundo. No texto “construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação”, as autoras apresentam, em linhas gerais, a concepção que entende a correspondência entre as palavras e as coisas, como algo já, para introduzir a concepção que entende essa correspondência como um processo.

Segundo as autoras, para esta segunda visão “as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades” (MONDADA; DUBOIS, [1995] 2003, p. 17), podendo ser transformados pelo contexto, o que sugeriria uma certa instabilidade constitutiva. Tal consequência pode ser notada, por exemplo, nas negociações e nas reformulações, atividades comuns em uma interação. Para Mondada e Dubois é possível pensar em uma instabilidade, mas entendem que há um processo estabilizador “que permitem manter e ‘solidificar’ categorias e objetos de discurso.” ([1995] 2003, p.17) Sendo assim, as autoras dedicam-se a investigar o processo de construção do sentido dos objetos no mundo, a partir da observação do cognitivo e do linguístico. Para tanto, tomam a referenciação como um exemplo desse processo de estabilização, classificando-a como o resultado de práticas simbólicas, da relação do texto com o não-linguístico, do processo de produção e interpretação.

Desse modo, pensar o sujeito também faz parte dessa atividade de observação da referenciação, uma vez que o sujeito atua na produção, interpretação e na reformulação dos objetos de discurso. Porém, apesar dessa importância, o sujeito não é considerado um indivíduo intencional e abstrato, mas dotado de uma socio-cognição e de uma intersubjetividade, a partir da qual os objetos discursivos oscilam entre a instabilidade e a

estabilidade. Assim, “este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente às categorias manifestadas no discurso” (MONDADA; DUBOIS, [1995] 2003, p. 20).

Com o objetivo de apresentar a referenciação não como a representação do mundo ideal, mas como “os diferentes níveis nos quais a referência é produzida pelos sistemas cognitivos humanos, utilizando uma ampla variedade de dispositivos e de restrições, aqueles das línguas naturais” (MONDADA; DUBOIS, [1995] 2003 p. 49), as autoras definem a instabilidade como um processo normal de compreensão do mundo e a estabilização como um processo de construção da memória histórica. Este último possibilitado por dois níveis, o psicológico e o linguístico, sendo este caracterizado a partir da lexicalização, dos estereótipos e da anáfora.

Embora exista a possibilidade da estabilidade dos sentidos, através de recursos, tais como a lexicalização, ainda assim, o que vai determinar é o léxico em atividade, em discurso, pois, nessa realização encontraremos a mudança. Isto é, um léxico pode abarcar efeitos de sentido já estáveis, mas isso não impede a mudança, tal como afirma Marcuschi (2004) ao falar do papel do léxico no discurso. O autor lembra que é importante analisar não “o papel do léxico na produção do sentido e sim qual a nossa forma de operar com o léxico para produzir sentido” (2004, p. 6). Desse modo, em consonância com Mondada e Dubois, defende a análise de atividades e processos, como o léxico é mobilizado e onde é, os distintos gêneros textuais e as modalidades orais e escritas da língua.

Assim, Marcuschi (2004) vai pensando o léxico não como um “fenômeno do mundo”, que já está dado para “referir o mundo”, mas como um objeto de discurso que atua no mundo. Uma atuação que é construí-

da discursivamente, e, uma vez construída pelo discurso, pode ser mudada por meio dele também. Contudo, o autor chama nossa atenção para que não esqueçamos que a estabilidade de um objeto de discurso tem muito a ver com o grupo social onde tal léxico é usual, já que “existe um condicionamento sociocultural, ideológico e comportamental das comunidades em relação à atividade linguística. Qualquer estudo etnográfico pode revelar isso” (MARCUSCHI, 2004, p. 11).

Esse condicionamento sociocultural que, também é discursivo, é o que vai legitimar a estabilidade dos objetos de discurso. “A significação pretendida se determina discursivamente de maneira progressiva até a identificação. (MARCUSCHI, 2004, p. 12). Assim, o que objetivamos com esse trabalho é entender como os objetos de discurso integração, intercâmbio, cooperação são mobilizados para atuarem no contexto que irá legitimar uma integração entre a Ibéria e a América Latina. De antemão, partiremos do princípio de que a integração não representa um fenômeno no mundo, algo dado ou pré-existente, como vimos, mas como algo pretendido e que será construído no discurso. Isto é, analisaremos o processo de construção do projeto da integração ibero-americana, observando sua atuação enquanto objeto de discurso, visando torna-se um objeto de mundo.

3. A linguística textual e a referenciação

A partir da década de 80, ocorre a virada cognitivista o que vai determinar uma mudança significativa no modo de entender a produção e a compreensão textual. Dá-se destaque ao processamento textual e aos seus sistemas de conhecimento, determinado pelas operações cognitivas, bem como linguísticas, já que como define Koch (2005, P. 34) “o processamento textual é online, isto é, se dá paralelamente com as atividades

cognitivas”.

Inicialmente, havia uma disputa bastante acirrada entre os aspectos sociais e cognitivos da linguagem. Entre um cognitivismo clássico e um sociocognitivismo. Desse modo, diante de tantas teorias, Marcuschi (2012, p.33) propõe definir a Linguística textual, alertando para um possível caráter provisório, “como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais [...] Em suma, a LT trata o texto com um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas.” Assim, o autor reuniu o que via como importante para o processamento textual, destacando as ações humanas, o que mais tarde agrupou-se como o aspecto social e cognitivo da linguagem.

Seguindo essa tendência, através de Koch ([2004] 2017), aprendemos, que a partir da década de 90, a Linguística Textual já se encontra em uma perspectiva sociocognitivo-interacionista. Com essa abordagem, entendemos que “na base da atividade linguística está a interação. [...] os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São, ao contrário, uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente” (KOCH, [2004] 2017, p. 42). Com isso, de acordo com a autora, surge o interesse pelas diversas formas de progressão textual, dentre elas a referenciação, sobre a qual falaremos a partir de agora.

Em Mondada e Dubois (1995), vimos que a questão não é entender a referência transmitida, mas de compreender como ocorre esse processo de construção, sendo assim, elas optam em pensar a referenciação e não somente a referência. Com essa substituição ou adequação lexical de referência para referenciação, entendemos que convocar o discurso é importante para entender esse processo.

Desse modo, partimos do pressuposto apontado por Koch e Marcuschi (1998) de que a referenciação é um processo discursivo e de que os referentes são objetos de discurso. Os autores ainda fazem uma distinção entre objeto de mundo e objeto de discurso, este como objeto de análise, uma vez que não está dado à priori, mas construído no discurso. Tais objetos não são tomados como uma representação do real, mas como uma (re)construção, que pode ser mantida e alterada a partir do modo como o sujeito discursivamente e sociocognitivamente nomeia o mundo, interagindo com ele. (KOCH, 2005, p. 34).

Sendo assim, para Koch (2005) a referência tem uma orientação argumentativa, já que o sujeito atua significante nas escolhas dos objetos de discurso e no seu modo de dizer. Desse modo:

[...] a interpretação de uma expressão referencial anafórica, nominal ou pronominal, consiste não simplesmente em localizar um segmento linguístico no texto (um ‘antecedente’) ou um objeto específico no mundo, mas sim, algum tipo de informação anteriormente alocada na memória discursiva (Koch, 2005, p. 35).

Portanto, a referenciação não remete apenas ao conteúdo que encontramos no texto, mas a aquilo que foi necessário para construí-lo. Esta recuperação da memória discursiva se faz fundamental para legitimar a nomeação de determinado referente, como veremos adiante com a análise do objeto de discurso “integração ibero-americana”.

Analisando o funcionamento da referenciação, Koch e Marcuschi (1998) definem que este processo ocorre através de estratégias nominais e pronominais. Com o especial interesse pelas expressões ou formas nominais, a partir de Koch (2004) compre-

endemos as formas nominais como um dos principais recursos coesivos que cooperam para a referência. Através das formas nominais ocorre a remissão tanto ao contexto, como ao contexto. Em Koch e Cortez (2015) observamos que:

[...] as formas nominais caracterizam-se por operar uma seleção dentre as diversas propriedades do referente, que, em dada situação discursiva, interessa destacar e que são relevantes para viabilizar o projeto de dizer do produtor do texto. É nessa seleção de propriedades que as formas nominais definidas e indefinidas admitem não apenas determinantes, mas também modificadores, que podem ser adjetivos e orações adjetivas, escolhidos de acordo com a orientação argumentativa que se pretende dar ao texto. (2015, p. 32)

A propriedade de admitir formas definidas, indefinidas ou modificadores é o que vai dar tom argumentativo do texto. São formas de selecionar um sentido entre outros possíveis. “A escolha esta que será feita, em cada contexto, segundo a proposta de sentido do produtor do texto” (Koch, 2005, p. 35).

Assim, para este trabalho analisaremos a construção do objeto de discurso integração ibero-americana, a partir dos efeitos de sentido desse referente com outros objetos, através do uso de forma nominais. Para tanto, observaremos essa relação através das estratégias de referência definida por Koch ([2004] 2017): Construção/ativação, reconstrução/reativação e desfocalização/desativação.

Segundo Koch, a construção ou ativação acontece quando um objeto é introduzido, exercendo um “endereço cognitivo” no processamento textual em questão. Já a reconstrução diz respeito à reintrodução desse referente que já se encontra nesse “endereço cognitivo” através de uma forma nominal. Ao contrário, a desfocalização se dá quando um novo objeto de discurso é introduzido

ocupando o lugar do outros. Porém, o que foi posto antes permanece de modo parcial, podendo ser recuperado pela memória discursiva mobilizada pelos sujeitos.

Posto isso, adiante veremos o processo de referência o objeto de discurso Integração Ibero-Americana com outras formas nominais, analisando as estratégias de referência mobilizadas e os consequentes efeitos de sentido.

4. Os objetos de discurso integração, intercâmbio e cooperação

Como abordado anteriormente, este trabalho analisará a progressão referencial do objeto de discurso integração ibero-americana a partir da Carta Cultural Ibero-Americana e do Documento de Desenvolvimento, que amplia as discussões da Carta. Estes dois documentos abordam e justificam as vantagens de uma integração entre a Ibéria e a América Latina. Então, encontramos um texto que faz referência à história de formação dos países das duas regiões, à cultura, como também aos problemas sistêmicos que, segundo os documentos, são semelhantes. Em seguida, são estabelecidos meios e metas que favoreçam essa integração por meio de um discurso argumentativo de que é natural, a união já que existem tantas coisas semelhante. De igual modo, percebemos que ao mesmo tempo que se destaca as similaridades, é silenciado temas como colonização, massacre indígena, etc.

Assim, chama nossa atenção a realização de três termos nos presentes no decorrer dos dois documentos: integração, intercâmbio e cooperação. A partir de uma análise anterior, já observamos que desses três o principal é a integração, já que resume o objetivo de toda discussão desenvolvida na Carta e no Documento de Desenvolvimento. Isto é, o objetivo de fundar uma integração ibero-americana. Entretanto, o

termo integração é posto em funcionamento juntamente com os termos integração e cooperação, ora como sinônimos, ora complementando os sentidos para integração.

Assim, para a análise separamos alguns trechos dos dois documentos. Em um primeiro momento de seleção dos trechos, constatamos que os três referentes aparecem nos dois documentos, quase que 90% das vezes, assumindo a posição de substantivo. Além disso, observamos que esses objetos de discurso ora funcionam sozinhas nas frases, ora funcionam através de articulações com adjetivos ou sintagmas nominais preposicionados. A seguir, o primeiro trecho.

(1): Se considera fundamental la creación de un instrumento de coordinación y articulación, tanto de las instituciones de la cultura como de los otros mecanismos de integración y cooperación subregionales que existen en Iberoamérica. Esta es una necesidad que se expresa de manera constante y con carácter urgente en las más diversas reuniones de cultura. Solo existirá un espacio cultural iberoamericano cuando se articulen las diferentes instancias, cuando se cooperen políticas y se integren programas e intervenciones y cuando haya un diálogo fluido entre los diferentes organismos de integración y cooperación. Todo ello, por supuesto, debe hacerse respetando las especificidades de cada misión y las identidades de actuación propias. (DDC, p. 48)

No primeiro trecho, encontramos os objetos de discurso integración e cooperación. Elas funcionam a partir da articulação com o termo subregionales, que funciona na posição de adjetivo, como elemento de determinação. Esses dois referentes com essa articulação específica funcionam nesse trecho lembrando que, antes de integrar toda a Ibero-América, é necessário fortalecer os projetos de integração que já existem nessa região, os projetos subregionales.

Então, já que existem, devem ser for-

talecidos e desenvolvidos para algo maior que seria a integração ibero-americana. Os organismos que propõem, através dos documentos, esta parceria se legitimam dizendo que isso já existe, “los otros mecanismos de integración y cooperación subregionales que existen en Iberoamérica” e o objetivo é expandir essa tendência “todo ello, por supuesto, debe hacerse respetando las especificidades de cada misión y las identidades de actuación propias”. Mais adiante, vamos ver que o determinante subregionales logo perde espaço junto aos objetos de discurso sendo substituídos por outros determinantes que definem melhor essa integração do espaço cultural Ibero-americano. Entretanto, a partir desse primeiro movimento de referenciação de construção dos sentidos, observamos a estratégia definida por Koch como construção ou ativação de um objeto de discurso. Assim, “a expressão linguística que o representa é posta em foco na memória de trabalho, de tal forma que esse ‘objeto’ fica saliente no modelo”. (KOCH, [2004] 2017, p. 68). A seguir, mais alguns trechos para a análise.

(2): La cooperación, como un criterio de comprensión y de solidaridad, debe ser la base práctica desde la que profundizar en el proceso de integración: la solidaridad dentro de las propias naciones, dentro de los bloques regionales y de la comunidad iberoamericana permitirá proyectar planes y que la región se proponga como un espacio, con diversos circuitos artísticos, culturales y turísticos. (DDC, p.65)

(3): Para empezar a revertir esa cruda realidad, es preciso desarrollar un estudio sobre el estado de cooperación entre los países, sobre las leyes y las dificultades fronterizas para el intercambio; un estudio que analice el estado real de la cooperación iberoamericana en el ámbito cultural y las necesidades de promover cambios en la legislación, en las normas y

en las facilidades para la integración efectiva. (DDC. p. 67)

(4): Así pues, hay que recorrer un camino largo y estimulante para hacer realidad los objetivos de la Carta Cultural Iberoamericana en materia de circulación, como, por ejemplo, el de “Facilitar los intercambios de bienes y servicios culturales en el espacio cultural iberoamericano” y el de “Fomentar la protección y la difusión del patrimonio cultural y natural, material e inmaterial iberoamericano a través de la cooperación entre los países”. (DDC, p. 52)

Aquí, encontramos os objetos de discurso funcionando sozinhos e também com novos determinantes, como efectiva no trecho 3: necesidades de promover cambios en la legislación, en las normas y en las facilidades para la integración efectiva; e iberoamericana también no trecho 3: el estado real de la cooperación iberoamericana en el ámbito cultural. Entendemos que encontramos o funcionamento do que Koch ([2004] 2017) chamou de reconstrução, dado que, no interior desses fragmentos, vemos a reativação dos objetos de discurso cooperación e integración, antes determinados pelo determinante subregionales, agora determinados como efectiva e iberoamericana. Sendo assim, essa proposta não fica mais limitada entre os países e os subprojetos, pois o foco é algo que seja efectivo para todos os países, isto é, para a região ibero-americana.

Assim, primeiro, encontramos a tentativa de definir o que seria, no universo ibero-americano, uma integração e uma cooperação. Para isso, encontramos alguns recursos linguísticos como o aposto, como no trecho 2, que define a cooperação “como um critério de comprensión y solidaridad” e que deve ser uma política dentro do processo de integração, indicando que esse último seria um processo maior. Desse modo, o objeto de

discurso cooperación tem como referência esse sentido de compreensão da ibero-americanidade e da solidariedade entre eles, os ibero-americanos, uma vez compreendida e assumida essa posição.

Desse modo, esse aposto se comporta como um determinante discursivo e, ao ter o sentido de compreensão da ibero-americanidade como referência, relacionamos isso à realização de uma memória discursiva. Isto é, ao dizer que a cooperação deve ser vista como um critério de compreensão, entendemos que, na verdade, se recupera os dizeres das semelhanças, como vimos anteriormente. Então, essa “compreensão” nos diz que existe algo em comum e que é necessário tornar isso visível. De igual forma, aqui vemos que o destaque está para elementos que definem uma aparente unidade, enquanto as diferenças ficam relegadas ao silêncio.

Já, no trecho 3, encontramos a ratificação de que o objeto de discurso integración se comporta como um processo maior, uma vez que aqui entendemos que esse é o efeito de sentido que se cria quando se fala uma real análise cultural do que seria a cooperação e o intercâmbio da região ibero-americana, para fortalecê-la, o que resultaria em uma “integración efectiva”. Como vimos, nesse mesmo trecho, encontramos outro referente, o de intercambio, que já traz outros efeitos de sentidos para o processo de integração ibero-americana.

Analisando o funcionamento do objeto de discurso intercâmbio, entendemos que esse nome em específico tem como referência a troca de produtos de modo efectivo. Isso fica bem determinado no trecho 4, quando se pontua que é necessário, para alcançar uma integração “facilitar los intercambios de bienes y servicios culturales en el espacio cultural iberoamericano”. Ainda nesse trecho, encontramos, mais uma vez, o objeto de discurso cooperación trazendo

o efeito de sentido de solidariedade e reconhecimento, isto é, elementos que apelam para uma possível empatia natural entre esses povos, quando se fala em: “fomentar la protección y la difusión [...] a través de la cooperación entre los países”. Apesar desse novo referente ser introduzido no texto dos documentos, acreditamos que não se trata de uma desfocalização ou desativação (Koch, [2004] 2017), uma vez que os sentidos anteriores não são descartados, mas complementados. Nesse caso, com o uso de intercâmbio entendemos ocorrer mais uma construção ou ativação com a introdução de um novo objeto de discurso e o início de outra rede de sentidos.

Ao observar que a cooperación atuará na difusão desse patrimônio cultural, entendemos que o intercâmbio fica dependente dessa primeira determinação. Desse modo, intercâmbio resulta como a troca de todos os tipos de bens que possui o espaço cultural ibero-americano. Porém, isso só vai acontecer se o que se propõe como cooperación acontecer primeiro. E, para que isso realmente aconteça, vemos que aqui, mais uma vez, o cultural é convocado para legitimar esse intercâmbio. Para tanto, se diz reconhecer e proteger a diversidade cultural ibero-americana, para, como está no trecho 5: “generar riqueza y crecimiento” só assim se alcançaria um “intercambio equilibrado” e “un acceso más democrático a los bienes y servicios”.

Portanto, analisando a relação entre esses três referentes, entendemos a cooperación como um objeto de discurso que pretende despertar e criar laços que favoreçam o intercâmbio de bens e serviços culturais. Só com o bom resultado desses dois elementos ocorreria uma integración, que seria a realização efetiva dessas duas esferas.

5. Considerações finais

Com este trabalho, o objetivo foi refletir sobre o sentido e sua nomeação no mundo e a partir daí os processos de referenciação da integração ibero-americana. Para tanto, iniciamos a discussão recuperando Frege e seu trabalho sobre o sentido e a referência. Vimos com Frege (1982) que o sentido de uma palavra só poderia ser considerado verdadeiro, se ela tivesse um referente real no mundo. Então, desde uma perspectiva logísta, com esse autor entendemos que elementos, como a representação e o sujeito, trabalhariam com a ilusão da linguagem. Já na linguística textual vimos com Mondada e Dubois ([1995] 2003) que os sentidos atuam em uma estabilidade tendendo a uma instabilidade, sendo mais importante estudar não o resultado da nomeação, mas o processo, no qual o sujeito e suas atividades de interação importam. Desse modo, classificam a referenciação como um dos recursos que atuam para a estabilidade. Assim, entendemos este processo como uma atividade discursiva, que acontece no e pelo discurso uma vez que “o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção” (Koch, [2004] 2017, p. 67).

Com Koch (2005, [2004] 2017), Marcuschi (2012), Koch e Marcuschi (1998) e Koch e Cortez (2015) aprendemos sobre as estratégias de referenciação e de progressão textual, fundamentais para a análise dos objetos de discurso analisado nesse trabalho. Por fim, observamos que na Carta Cultural Ibero-Americana e no Documento de Desenvolvimento os objetos de discurso cooperación e intercâmbio complementam os sentidos para o objeto de discurso integración ibero-americana. Através de formas nominais, analisamos a estratégia de referenciação que acontece por meio de dois recursos: o da construção e o da reconstrução,

que atuam discursivamente para legitimar os sentidos da integração ibero-americana.

Referências

- CHACON, Vamireh. A grande Ibéria: convergências e divergências de uma tendência. Brasília: UNESP, 2005.
- FREGE, Gottlob. (1982). Sobre o Sentido e a Referência. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1978.
- GUIMARÃES, Eduardo. Os limites do sentido. Campinas: Pontes, 1995.
- KOCH, Ingedore Villaça. (2004). Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas. São Paulo: Contexto.
- KOCH, Ingedore Villaça. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. V. Morato, E.M. e Bentes, A.C. Referenciação e Discurso. São Paulo: Contexto, 2005.
- KOCH, Ingedore Villaça; CORTEZ, Suzana Leite. A construção heterodialógica dos objetos de discurso por formas nominais referenciais. *ReVEL*, vol. 13, n. 25, 2015.
- KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A*, v. 14, p. 169-190, 1998. (número especial).
- MARCUSCHI, L. A. O léxico: lista rede ou cognição social. In: Ligia Negri; Maria José Foltran e Roberta Pires de Oliveira (orgs.). *Sentido e Significação. Em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- MONDADA, L. & DUBOIS. (1995). Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. *Clássicos da Lingüística I*, in: Cavalcanti, M.M; Rodrigues, B. B; Ciulla, A.L Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003.
- OEI. Carta cultural ibero-americana. (2006) Disponível em: <<http://www.culturasibero-americanas.org/>>. Acesso em: 15 dez. 2015.
- KOCH, Ingedore Villaça. Avanzar en la construcción de un espacio cultural compartido. *Desarrollo de la carta cultural ibero-americana*. (2012). Disponível em: <http://www.oei.es/historico/publicaciones/detalle_publicacion.php?id=136>. Acesso em: 15 dez. 2015.

Submissão: dezembro de 2023.

Aceite: dezembro de 2023.